



A URGÊNCIA DE CATEQUESES BÍBLICAS NAS PEREGRINAÇÕES EM SANTUÁRIOS E IGREJAS JUBILARES NO JUBILEU DA ESPERANÇA

Ariél Philippi Machado
Mestre em Teologia pela PUCPR
proff.ariel@gmail.com

João José dos Santos Júnior
Mestre em Turismo pela USP
joao_junior@usp.br

Resumo: Esta reflexão destaca a necessidade de retomar as práticas de catequeses bíblicas, recuperando as motivações do povo de Deus para um tempo dedicado à restauração dos vínculos fraternos e harmonia com a criação. A justificativa se dá pelo crescente fenômeno do turismo religioso, atrelado ao tema do Jubileu da Esperança, realizado durante o ano de 2025, que movimenta pessoas de diferentes lugares para santuários, igrejas e locais de peregrinação. O objetivo é fomentar a catequese bíblica nos locais de peregrinação diante do crescimento do turismo religioso. O resgate da memória do povo peregrino, mediante as hermenêuticas da fé cristã, ajudará na formação permanente das pessoas que percorrem romarias e peregrinações em nossos dias no contexto do Ano Jubilar ou em outra ocasião. Usou-se do método de pesquisa documental-bibliográfica, com comentários de perícopes bíblicas sobre a atitude de manter-se peregrino na fé. Os resultados seguem na linha da percepção da crescente demanda e reflexão acerca do turismo religioso que, motivado pelo Jubileu da Esperança, tem crescido nas grandes cidades e igrejas jubilares em busca das ofertas de sacramentais mediante as práticas de fé. Percebe-se que a reflexão guiada e meditações bíblicas resgatam a espiritualidade da peregrinação e o contexto do jubileu na perspectiva bíblica.

Palavras-chave: Jubileu. Turismo Religioso. Catequese Bíblica. Peregrinação. Santuários.

Abstract: This reflection highlights the need to resume biblical catechesis practices, reclaiming the motivations of God's people for a time dedicated to restoring fraternal bonds and harmony with creation. The justification is the growing phenomenon of religious tourism, tied to the theme of the Jubilee of Hope, held during the year 2025, which brings people from different places to shrines, churches, and pilgrimage sites. The objective is to foster biblical catechesis in pilgrimage sites in light of the growth of religious tourism. Recovering the memory of pilgrims through the hermeneutics of the Christian faith will help in the ongoing formation of those who make pilgrimages today, whether during the Jubilee Year or on other occasions. The research used a documentary-bibliographical method, with commentary on biblical passages on the attitude of remaining pilgrim in faith. The results reflect the growing demand and reflection on religious tourism, which, motivated by the Jubilee of Hope, has grown in large cities and Jubilee churches, seeking sacramental offerings through faith practices. Guided reflection and biblical meditations rediscover the spirituality of pilgrimage and the context of the Jubilee from a biblical perspective.

Keywords: Jubilee. Religious Tourism. Biblical Catechesis. Pilgrimage. Sanctuaries.

Introdução

Os Jubileus constituem-se como um marco espiritual na tradição judaico-cristã, concebido como tempo de perdão, restauração e reconciliação. No contexto católico, é celebrado em intervalos regulares, quando fiéis são chamados a renovar sua fé e os vínculos





comunitários. A referência ao mistério da criação, narrado em categorias de espaço em tempo para o acesso da inteligência humana, dá ao jubileu a característica da experiência de contemplação e descanso.

Em 2025 a Igreja Católica celebra mais um Jubileu da Encarnação, com o tema Peregrinos de Esperança. A Bula *Spes non confundit*, do Papa Francisco, está inspirada na Carta aos Romanos, que guarda o testamento espiritual do apóstolo Paulo. Ele afirma: “E a esperança não decepciona, pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).

Este testemunho do apóstolo Paulo ecoou pelas gerações e nos alcança em meio a uma sociedade com sintomas de fadiga, desespero e desilusões. O jubileu, tradição milenar da cosmovisão judaica e herdada pela tradição cristã, é um tempo oportuno para lançar luzes de coragem e de esperança sobre as realidades que nos paralisam. A catequese, portanto, enquanto obra de formação sobre as verdades da fé, seja em nível de iniciação sacramental ou no nível da formação continuada, poderá contribuir sobremaneira neste período de graça.

Esta reflexão tem como objetivo fomentar a catequese bíblica nos locais de peregrinação diante do crescimento do turismo religioso. A comunidade eclesial que se faz peregrina, buscando locais designados pelas dioceses, bem como a comunidade que acolhe os diferentes peregrinos que chegam, precisam ser abastecidos com conteúdos hauridos da fonte das Escrituras e da Tradição. Assim, é desejável que se planejem as devidas capacitações de lideranças para oferecer um conteúdo mínimo sobre esta forma específica de celebrar a fé no Deus da Vida chamada de jubileu.

A estrutura da reflexão se faz com os fundamentos bíblicos, com as ideias principais do que contexto do jubileu na fonte das Escrituras. Na sequência, a realidade contemporânea do turismo religioso, que se vale das peregrinações para consolidar uma prática existente nas comunidades eclesiais. E ainda, as motivações para ofertas de catequeses bíblicas sobre o jubileu nos lugares de peregrinação.

1 Origens bíblicas do jubileu

O livro do Êxodo marca a relação pessoal de Deus com o seu povo, o povo de Israel. O evento histórico do êxodo, fuga e libertação da opressão causada pelo Egito, marcou para sempre aquela aglomeração de famílias, descendentes de Abraão, de Isaac e de Jacó (Gn 12,1-7; Gn 21,1-8; Gn 28,1-5).





Depois da libertação da escravidão tem início nova fase na vida do povo de Deus, a peregrinação pelo deserto. Ali, de acampamento em acampamento, era conduzido sob a guia de Moisés. Muitos foram os desafios e tentações de retornar ao comodismo do país opressor. Por outro lado, inúmeras foram as iniciativas de Deus de recordar ao povo sua promessa de vida em plenitude. O fato marcante desta memória divina ficou conhecido como Código da Aliança, que integra o bloco da Aliança de Deus com seu povo, tendo Moisés por intermediário, no Monte Sinai (Ex 19,1–24,11). Em certo trecho do Código da Aliança já se registra o que será estabelecido como rito de reconciliação e perdão, o jubileu judaico, no livro do Levítico.

Assim expressa o Livro do Êxodo (23,10-12):

Durante seis anos semearás a tua terra e recolherás os seus frutos. No sétimo ano, porém, a deixarás descansar e não a cultivarás, para que os pobres do teu povo achem o que comer, e os animais do campo comam o que restar. Assim farás com a tua vinha e com o teu olival. Durante seus dias farás os teus trabalhos e no sétimo dia descansarás, para que descanse o teu boi e o teu jumento, e tome alento o filho da tua serva e o estrangeiro.

Percebe-se no Código da Aliança um nível germinal de uma condição de reparação e equilíbrio entre as forças de produção e os seres que habitam a terra. A todos se deve o devido descanso e a restauração. O ser humano, dotado de consciência, saberá dar sentido à sua restauração, orientando para Deus Criador e Providente a sua gratidão e o seu louvor.

E assim, no prolongar dos anos, este hábito moral de reconhecer a origem da vida em Deus adquire valor religioso, tornando-se um rito a ser observado, uma data litúrgica por excelência. Eis o que ensina o Livro do Levítico (25,8-10):

Contarás sete semanas de anos, sete vezes sete anos, isto é, o tempo de sete semanas de anos, quarenta e nove anos. No sétimo mês, no décimo dia do mês, farás ressoar o toque da trombeta; no dia das Expições, fareis soar a trombeta em todo o país. Declarareis santo o quinquagésimo ano e proclamareis a libertação de todos os moradores da terra. Será para vós um jubileu.

Em chave catequética, os trechos supracitados dão pistas de três níveis de percepção do jubileu, um nível pessoal e família, a cada seis dias trabalhados um dia de descanso; o nível comunitário, a cada seis anos trabalhados um de descanso; e o nível universal, a cada sete ciclos de sete anos, ou seja, depois de quarenta e nove anos, um jubileu universal no





quinquagésimo ano para perdão das dívidas, reparação das forças, devolução das terras e libertação dos escravos.

Uma catequese do cardeal Gianfranco Ravasi explica estes fundamentos do jubileu, que foi incorporado pela tradição cristã a partir do ano 1300. Afirma Ravasi (2024):

Costuma-se remontar à realidade germinal do “jubileu” ao som do chifre de um carneiro: o eco vinha de Jerusalém, perfurava o ar e saltava de aldeia em aldeia. [...] A antiga versão grega da Bíblia, tradicionalmente conhecida como Septuaginta, quando confrontada com esta palavra — *jobel* — em vez de a traduzir com o recursivo “jubileu”, ano jubilar, traduziu-a segundo um cânone interpretativo: *áphesis*, que em grego significa “remissão”, “libertação” ou ainda “perdão”. Esta palavra será muito importante para Jesus, porque — como veremos — ele não fala de jubileu, mas usa no grego de Lucas precisamente o termo *áphesis*. Com efeito, no Novo Testamento nunca se encontra a palavra “jubileu”. [...] O tema do jubileu foi, portanto, deslocado da linguagem e do ato litúrgico para a linguagem e a experiência ético-social. Este elemento é também relevante hoje, para não reduzir o jubileu cristão apenas à celebração ou ao ritual, ainda que básicos, mas para o transformar num paradigma de vida cristã.

Para se pensar em catequese em transposição cristã, é preciso apresentar o jubileu como uma celebração relacionada com o dom do descanso, que significa contemplação diante da bondade da criação, e com ela, reaprender o louvor a Deus Criador e Providente.

No mistério da criação, o ser humano pode trabalhar e repousar e permite que a criação também repouse. Como expressão máxima deste repouso restaurador da vida temos o Domingo, dia da Páscoa do Senhor Jesus Cristo. Neste dia de contemplação por excelência, temos nosso jubileu semanal. Este é o nível 1 do jubileu, o jubileu em nível pessoal.

Em outro nível, o ano sabático corresponde ao repouso e contemplação ao final de um ciclo de sete anos. Um período que convida a refletir sobre os novos ciclos de família, relacionamento e os primeiros anos de uma família constituída. Permite avaliar a caminhada, encontrar motivos para seguir em frente, agradecendo a Deus com coração jubiloso. Um jubileu em nível familiar e comunitário.

No nível de jubileu universal se observa um ciclo de vida, isto é, um conjunto de sete vezes sete anos. Este nível está relacionado à expectativa de vida, ao máximo de uma vida, naquele contexto e região do texto bíblico. Após cinquenta anos, eis o convite para perdoar em todos os níveis os vínculos familiares, a libertar os escravos e a devolver a terra. Como explica Schmit (2024, p. 995): “O jubileu assim, alcança uma perspectiva universal, na qual não





só o cristão encontra tempo de graça, mas também toda a humanidade e o mundo entram num *kairós*”.

Nestas três propostas de leitura do jubileu está o tema da paz, SHALOM, em sentido de plenitude, paz que não é ausência de conflito, de guerra, mas o sentido de vida em que todos se pertencem e se protegem, porque a origem da vida é uma só, o próprio Deus. Como salmista nós rezamos: “Sabemos que o Senhor é nosso Deus, ele nos fez e a ele pertencemos, somos seu povo, o rebanho de seu pasto” (Sl 99,3).

2 A prática das peregrinações sob uma perspectiva acadêmica

Conforme visto anteriormente, a experiência do jubileu remonta uma tradição herdada do judaísmo, e incorporada pela Igreja católica. Esta, por sua vez, geralmente vem acompanhada pela prática da peregrinação. Historicamente, a prática peregrinatória está presente nas grandes religiões monoteístas, como o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo, que descrevem jornadas espirituais em seus textos sagrados (Tomillo Noguero, 2019) como uma jornada espiritual que transcende o mero deslocamento geográfico. Os relatos bíblicos de figuras como Abraão são centrais para a origem dessas religiões, e suas trajetórias são vistas como protótipos de peregrinações. Esta prática, enraizada em antigas tradições de busca pelo sagrado, é vista como uma forma de expressão da fé e da devoção religiosa. Do ponto de vista antropológico, são compreendidas como rituais de passagem que envolvem deslocamento físico e vivência simbólica (Eliade, 1992).

Segundo Abbagnano (2007), a palavra "religião" deriva do latim *religio* ou *religare*, que significa “religar”, destacando a ligação profunda entre o crente e o sagrado. A religiosidade, portanto, manifesta-se em rituais específicos que incluem peregrinações a locais considerados sagrados, expressas também nas ocasiões jubilares. A prática da peregrinação é, em essência, uma busca pela manifestação do sagrado em locais específicos (Rosendahl, 1996, 2018). Essa busca, é nomeada por Eliade (1992), como hierofania, referindo-se à manifestação do sagrado, dada como uma revelação que transcende a concepção do homem, podendo ocorrer em um espaço ou objeto, que a partir desse fenômeno, deixam suas características comuns (profanas) para assumir então, um caráter de sacralidade.

As peregrinações, ao longo da história, também implicaram uma forte componente de hospitalidade. Frugoli (2019) observa que a hospitalidade oferecida aos peregrinos é vista como uma extensão da própria prática religiosa, onde o anfitrião acredita que, ao acolher o





peregrino, está cumprindo um dever espiritual. Tomillo Noguero (2019) complementa, afirmando que desde o início da vida monástica, templos e seus anexos frequentemente servem como centros de acolhida, proporcionando abrigo e sustento aos viajantes.

No Cristianismo, a peregrinação se consolidou como expressão de fé desde os primeiros séculos, intensificando-se durante a Idade Média, por exemplo, através do movimento das Cruzadas, multidões de pessoas se dirigiam à Terra Santa (Pinto, 2006).

Nesse sentido, considerando o avanço dos meios de locomoção, o perfil do peregrino também sofreu alterações ao longo do tempo. A prática, que inicialmente possuía caráter extremamente penoso e penitencial, é vista atualmente como uma forma de reafirmação da fé, por meio do culto visando a busca ou o agradecimento por uma graça espiritual (ou até mesmo um contexto celebrativo, como é o caso dos jubileus), assemelhando-se em alguns aspectos, com a prática de turismo por outras motivações (Collins-Kreiner, 2010). Nesse contexto, os jubileus

A intersecção entre religião e turismo torna-se evidente, portanto, na prática das peregrinações, que promovem o desenvolvimento de infraestrutura de acolhimento e hospitalidade. Segundo a Organização Mundial do Turismo, as peregrinações, (também chamadas de turismo religioso) movimentam anualmente mais de 300 milhões de pessoas no mundo, apresentando-se como principal fator do desenvolvimento de vários destinos (UNWTO, 2017).

Ainda sob essa perspectiva, autores como Abumanssur (2003) e Schneider e Santos (2015) destacam que as peregrinações estimulam o comércio e o desenvolvimento de serviços ao longo das rotas percorridas pelos peregrinos. Esta interação econômica e religiosa cria um ambiente propício para a experiência catequética, onde o peregrino é imerso em um contexto que reforça sua fé e prática religiosa.

Ressalta-se, por fim, que, existem poucos estudos a respeito da temática das peregrinações e do turismo religioso no Brasil, sendo este, um campo com muitas possibilidades de pesquisa (Guimbelli, 2019). Apesar disso, nota-se que a prática da peregrinação tem obtido maior destaque nos últimos anos. Prova disso é a inclusão do segmento de turismo religioso nos marcos conceituais do Ministério do Turismo. Categorizado como subdivisão do turismo cultural, é configurado como “atividades turísticas decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados às religiões institucionalizadas” (Brasil, 2006 p. 16). Nesse sentido, o órgão compreende como religiões





institucionalizadas aquelas compostas por doutrina, estrutura, rituais, templos específicos, hierarquia e sacerdócio, independente do credo podendo, portanto, ser cristãs, religiões afro-brasileiras, espírita, de origem oriental, entre outras (Brasil, 2006).

Portanto, uma abordagem referente ao assunto, discorrendo acerca da importância de uma abordagem catequética para os peregrinos, apresenta-se pertinente.

3 O Turismo Religioso/Peregrinação realizado em Santuários Católicos

Os santuários, como destinos de peregrinação, desempenham um papel crucial na experiência religiosa dos fiéis. Estes locais são vistos como pontos de conexão entre o humano e o divino. Segundo Rosendahl (2018) a presença de um Santuário influencia diretamente na organização espacial, social, cultural e econômica local.

Estudos confirmam que as regiões onde estão presentes os Santuários Católicos, como Aparecida (Brasil), Lourdes (França), Fátima (Portugal), desenvolveram em seu entorno serviços para além do culto, abrangendo transporte, alimentação, hospedagem, venda de artigos religiosos e lazer (Silveira, 2007). O Santuário Nacional de Aparecida, por exemplo, chegou a receber cerca de 12 milhões de visitantes em 2019 (Cruz; Santos Junior, 2022).

Kim, Kim e King (2019) apontam em seu estudo um crescente interesse acadêmico em estudar os Santuários e suas rotas de peregrinação, como espaços para a manutenção de tradições religiosas e, portanto, culturais. Para tanto, é fundamental a articulação entre o peregrino, o Santuário, e a infraestrutura de suporte que permite tal experiência como o transporte, hospedagem, alimentação, entre outros.

No Brasil, é comum a prática de peregrinação motivada pelo catolicismo em Santuários como o de Aparecida (SP), Bom Jesus da Lapa (BA), Divino Pai Eterno (GO), dentre outros, atraindo milhões de visitantes anualmente. Lopes (2015) e Mangialardo (2015) destacam que esses centros não apenas servem como destinos espirituais, mas também como motores de desenvolvimento econômico local, proporcionando emprego e infraestrutura às comunidades circunvizinhas.

A experiência do peregrino em santuários é multifacetada, envolvendo práticas devocionais, participação em rituais religiosos, e interação com outros peregrinos. Tomillo Noguero (2019) observa que a peregrinação é uma forma de viagem que transcende o simples deslocamento físico, sendo uma jornada interior de transformação espiritual. Este aspecto é





reforçado pela organização dos santuários, que oferecem uma variedade de serviços e atividades voltadas para a edificação espiritual dos visitantes.

A prática da hospitalidade nos santuários é um elemento central para a experiência do peregrino. Frugoli (2019) destaca que os santuários funcionam como centros de acolhida, onde os peregrinos podem encontrar abrigo, alimentação e apoio espiritual. Esta hospitalidade é frequentemente organizada pelas próprias instituições religiosas, que veem no acolhimento uma extensão de sua missão espiritual.

O desenvolvimento de infraestrutura nos santuários, incluindo hospedagem, alimentação e serviços religiosos, é um aspecto crucial para o sucesso do turismo religioso. Schneider e Santos (2015) apontam que a presença de uma infraestrutura adequada não apenas melhora a experiência do peregrino, mas também contribui para o desenvolvimento econômico das regiões onde os santuários estão localizados. Santos Junior e Tomazzoni (2023) salientam, inclusive, a importância da atenção por parte do poder público na elaboração de um planejamento turístico nos destinos de turismo religioso, propiciando, assim, um equilíbrio entre uma boa experiência para o peregrino, e o bem-estar da população residente nos entornos dos locais de visitação.

Dito isso, compreende-se que os jubileus estabelecem, não somente o fomento para o deslocamento dos fiéis rumo aos lugares já vistos como centros de peregrinação, mas também para os outros destinos que porventura são indicados aos fiéis, supondo que estes ofertem, portanto, a infraestrutura física ao peregrino, bem como a acolhida e a formação catequética.

Em resumo, o turismo religioso em santuários envolve uma complexa rede de interações e práticas que visam proporcionar ao peregrino uma experiência espiritual enriquecedora. A gestão eficiente desses destinos, a hospitalidade oferecida, e a infraestrutura disponível são elementos cruciais para garantir que a peregrinação seja não apenas uma jornada física, mas também uma experiência catequética que fortaleça a fé e a espiritualidade dos participantes.

4 Discussão: a catequese bíblica e o contexto das peregrinações

A catequese bíblica, inserida no contexto das peregrinações, atua como elemento pedagógico e espiritual que dá sentido à jornada do peregrino. Ao longo da história, a catequese sempre foi utilizada pela Igreja para transmitir os fundamentos da fé, guiando fiéis





a uma compreensão mais profunda das Escrituras e da tradição. Em tempos de Jubileu, a prática catequética assume relevância ainda maior, pois resgata o significado bíblico do ato de peregrinar e o conecta com a vivência comunitária e social.

Nos destinos jubilares, a catequese pode ser ofertada por meio de encontros, palestras, visitas guiadas com fundamentação bíblica e momentos de meditação, integrando-se às atividades litúrgicas. Essa abordagem permite que o peregrino vá além da experiência turística, vivenciando o Jubileu como tempo de conversão e renovação espiritual. A pedagogia da fé deve valorizar a escuta, a oração e a partilha, promovendo um encontro transformador com o sagrado.

Além do aspecto espiritual, a catequese contribui para o fortalecimento da identidade comunitária e para a promoção da justiça social, princípios presentes na tradição jubilar. Ao conscientizar peregrinos e comunidades sobre valores de fraternidade, perdão e cuidado com a Casa Comum, a catequese se torna instrumento de transformação social, alinhando-se às orientações do Papa Francisco sobre ecologia integral e solidariedade (Francisco, 2019).

Portanto, a catequese bíblica, quando articulada às peregrinações, contribui para que os santuários sejam não apenas pontos de visita, mas também espaços de formação contínua, evangelização e desenvolvimento integral. No contexto do Jubileu da Esperança, essa prática se torna ferramenta essencial para unir espiritualidade, cultura e responsabilidade social. De acordo com Stippe (2024, p. 992):

Pôr-se como grupo a caminho é uma atividade para a catequese em todas as idades. Acompanhada de um roteiro orante, o caminho em direção a um santuário marca a experiência concreta dos catequizandos e da comunidade, todos como peregrinos de esperança.

A análise realizada permite identificar que a integração da catequese bíblica ao turismo religioso fortalece tanto a experiência espiritual do peregrino quanto o desenvolvimento sustentável dos destinos jubilares. Ao contextualizar a prática catequética nas peregrinações, observa-se que ela atua como mediadora entre fé e cultura, resgatando significados originais do jubileu e evitando que a visita se reduza a uma atividade de consumo.

Outro ponto discutido refere-se à hospitalidade e ao acolhimento, dimensões fundamentais na vivência do peregrino. Quando orientadas pela catequese, essas práticas transcendem o atendimento físico, oferecendo também formação espiritual e fortalecimento



de valores comunitários (Frugoli, 2019). Assim, a catequese potencializa o turismo religioso como instrumento de evangelização e inclusão social.

Finalmente, as reflexões apontam que as estratégias catequéticas devem ser acompanhadas de planejamento turístico sustentável, para que os benefícios gerados pelas peregrinações alcancem de forma justa os moradores locais e preservem o equilíbrio entre desenvolvimento e espiritualidade. Essa abordagem reforça a necessidade de integração entre Igreja, poder público e sociedade civil, garantindo que o Jubileu da Esperança seja vivido como experiência transformadora em múltiplas dimensões.

Considerações finais

O estudo evidenciou que a catequese bíblica, integrada ao turismo religioso, é um instrumento essencial para resgatar o sentido original das peregrinações e assegurar que os Jubileus sejam vividos como experiência transformadora. Ao longo do texto, demonstrou-se que as práticas catequéticas ampliam o impacto espiritual das visitas aos santuários, fortalecem a identidade comunitária e estimulam a hospitalidade orientada por valores evangélicos.

Constatou-se, ainda, que a presença de programas catequéticos bem estruturados contribui para um maior equilíbrio entre os interesses espirituais, econômicos e sociais. Essa integração permite que as comunidades anfitriãs sejam beneficiadas pelo turismo religioso sem perder de vista a sua essência espiritual.

Portanto, a formação de catequistas à luz dessas dimensões é um desafio urgente e necessário para a Igreja. Trata-se de superar modelos puramente intelectuais ou técnicos, em favor de uma formação que atinja o ser humano em sua totalidade. “É preciso ter a bravura, o carinho e a delicadeza necessários para ajudar o outro a reconhecer a verdade e os enganos ou as desculpas” (Francisco, 2019, p. 114; CV, n. 293). A evangelização em chave integral de adolescentes e jovens certamente ajudará na formação de sua identidade, no pertencimento a uma comunidade e na descoberta do propósito de vida.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. Tradução: Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.





ABUMANSSUR, E. S. Religião e turismo: notas sobre as deambulações religiosas. *In: Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas: Papirus, 2003.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo: Marcos conceituais**. Orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo. (2006).

http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf. Acesso em: 24 jun. 2025.

COLLINS-KREINER, N. Researching pilgrimage: Continuity and transformations. **Annals of Tourism Research**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 440–456, 2010. DOI: 10.1016/j.annals.2009.10.016.

CRUZ, B. S., & SANTOS JÚNIOR, J. J. (2022). A produção acadêmica sobre o turismo religioso e a COVID-19: Uma pesquisa bibliométrica entre os anos 2015 a 2021. **Revista de Turismo Contemporâneo** (1), 4-26. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2022v10n1ID26123>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRUGOLI, Ricardo. **Turismo religioso, hospitalidade e acolhimento na romaria de Nossa Senhora de Nazaré: O caminho da casa da mãe**. 2019. 193 f. Tese (Doutorado em Hospitalidade). Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2019.

GONZÁLEZ, L. T. V. **Estar no mundo, sem ser do mundo: alguns casos da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Rio 2013**. 2016. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GUIMBELLI, E. Religious tourism and religious monuments: the politics of religious diversity in Brazil. **International Journal of Latin American Religions**. V.3, p. 1-14, 2019. DOI: 10.1007/s41603-019-00084-0.

KIM, B., Kim, S.; KING, B. (2020). Religious tourism studies: evolution, progress, and future prospects. **Tourism Recreation Research**, v. 45, n. 2, p. 185–203, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02508281.2019.1664084>. Acesso em: 24 jun. 2025.

LOPES, P. F. B. **Gestão de um epicentro católico no Brasil: o circuito turístico Religioso do Vale do Paraíba Paulista/SP**. 2015. 239 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MANGIALARDO, V. C. **Aparecida, profana e dividida: conflitos socioespaciais no município de Aparecida, São Paulo, Brasil**. 2015. 88 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2015.

PINTO, A. G. **O turismo religioso em Aparecida (SP): Aspectos históricos, urbanos e perfil dos romeiros**. 2006. 97 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.





RAVASI, Gianfranco. Nas raízes do jubileu. L'osservatore romano, Roma, 11 abr. 2024.

Disponível em: <https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2024-04/por-015/nas-raizes-do-jubileu.html>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. 2 ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

ROSENDAHL, Z. O sagrado e o urbano: gênese e função das cidades. In: **Uma procissão na geografia**. [s.l.]: EDUERJ, 2018. p. 47–75. DOI: 10.7476/9788575115015.0004. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/wy7ft/pdf/rosendahl-9788575115015-04.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SANTOS JUNIOR, Joao Jose dos; TOMAZZONI, Edegar Luis. Turismo religioso e desenvolvimento socioeconômico: análise da governança turística no município de Aparecida (SP). **Caderno Virtual de Turismo**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 6–24, 2023.

Disponível em: <https://www.ivt.coppe.ufri.br/caderno/article/view/2058>. Acesso em: 21 jun. 2024.

SCHNEIDER, M.; DOS SANTOS, M. M. C. a Hospitalidade sob a ótica do romeiro na romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/Rs e seu corolário no conceito de turismo religioso. **Turismo - Visão e Ação**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 323-353, 2015. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/7955>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SILVEIRA, E. J. S. da. Turismo religioso no Brasil: uma perspectiva local e global. **Revista Turismo em Análise**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 33–51, 2007. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1909/1541>. Acesso em 24 jun. 2025.

SCHMITT, Paulo Stippe. Temas e propostas para a catequese permanente no ano jubilar. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, v. 39, n. 3, p. 981-999, 2024. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1909>.

TOMILLO NOGUERO, F. **A Hospitalidade na Bíblia e nas Grandes Religiões**. Trad. Alexandre Panosso Netto. São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

UNWTO. **International Congress on Religious Tourism and Pilgrimage**. 2017. Disponível em: <https://www.unwto.org/archive/europe/event/international-congress-religious-tourism-and-pilgrimage>. Acesso em: 7 abr. 2021.

